

Cristina Rappa e Mariângela Morenghi

ENTREVISTA

GERALDO SANT'ANA DE CAMARGO BARROS

Segurança para produzir

Para o professor da Esalq/USP, o sucesso de todos os empreendimentos no Brasil, e não apenas do agronegócio, depende das reformas fiscais e previdenciárias. Ele adverte que, enquanto isso não for feito, a economia não vai crescer continuamente e o mercado interno vai continuar capenga

A reportagem de capa desta edição questiona por que os governos do Brasil sempre remaram contra os interesses do campo. “Os produtores e a agroindústria acreditaram num prognóstico que não se confirmou”, escreve em seu artigo para aquela matéria o engenheiro agrônomo Geraldo Sant’Ana de Camargo Barros. Professor titular, ele também é coordenador científico do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Escola Superior de Agricultura Luís de Queiroz, Esalq/USP, em Piracicaba, SP. O Cepea foi criado em 1982 por docentes com a finalidade de atender às demandas por estudos, pesquisas e informação nas áreas da economia, administração e ciências sociais em geral apresentadas por entidades públicas e privadas.

Camargo Barros é PhD em Economia pela North Carolina State University; livre-docente desde 1981 e Pós-Doutorado em Economia pela University of Minnesota, EUA. Conquistou o prêmio G. Edward Schuh, oferecido pela Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, pela melhor tese de pós-graduação em Economia Agrícola no Brasil, em 1972/73, e o prêmio Professional Excellence, da American Agricultural Economics Association, por ser autor de uma das três melhores teses de doutoramento em economia agrícola nos EUA, em 1976/77. Com dezenas de artigos em publicações nacionais e internacionais, contribuiu também com a obra *Economia da Comercialização Agrícola*, lançada em 1987, e com capítulos de nove livros. Natural de Tatuí, SP, aos 58 anos de idade, Camargo Barros é casado com Eliana de Sá e pais de dois filhos.

Divulgação Cepea, Esalq/USP

“O crescimento trará expansão da demanda interna e a valorização do dólar – dois eventos altamente favoráveis à agricultura”

O professor da Esalq/USP afirma que a euforia dos anos 2000 a 2004, com base no dólar valorizado e preços internacionais elevados, levou aos investimentos e ao endividamento.

Nesta entrevista, o coordenador do Cepea analisa o tema para apontar possíveis respostas para as dificuldades atuais. Ele discute alguns dos aspectos que levam o agronegócio a sofrer, atualmente, com a queda da renda, onerada pelos altos juros, valorização do câmbio e oscilações climáticas que vêm castigando as lavouras nas últimas safras, e aponta possíveis ações a serem tomadas pelos produtores. “Essas ações precisam também ser apoiadas por medidas governamentais que possam oferecer maior segurança em tempos de ‘vacas magras’”, diz Camargo Barros.

Panrural – Quais os principais vilões da atual crise no setor agropecuário brasileiro?

Barros – No curto prazo, os vilões são os juros altos, o preço baixo da moeda norte-americana e os problemas climáticos. No longo prazo, o que trava o setor são o baixo crescimento da economia brasileira, a estagnação da produtividade agrícola e a falta de mecanismos capazes de oferecer segurança aos produtores, como a possibilidade de fazer uma poupança e seguro rural.

Panrural – O mercado mundial agrícola também passa por essa crise ou é algo que se restringe ao Brasil?

Barros – O mercado mundial em geral ainda está firme, pois depende fundamentalmente dos países emergentes, já que os preços em dólar vêm crescendo firmemente desde 2002. Atualmente os preços estão em alta e alcançam a média dos últimos 10 anos.

Panrural – Qual a responsabilidade do governo federal frente à crise? Como os produtores podem receber apoio?

Barros – Com relação à situação atual em que a agricultura se encontra, não se pode culpar o governo, uma vez que juros altos decorrem do controle da inflação e o enfraquecimento do dólar decorre das grandes exportações, com substanciais contribuições do agronegócio. No entanto, é preciso manter a tendência de longo prazo de aumento da produtividade, com investimento em ciência e tecnologia, e estimular reformas que

viabilizem o crescimento econômico.

Panrural – A safra 2004/2005, que foi marcada pela seca, influenciou na crise atual?

Barros – A crise resultou da queda do dólar e a conseqüente valorização do real, que começou quando o quadro político se acalmou após as eleições de 2002. O produtor começou a perder rentabilidade, pois adquiriu insumos e fertilizantes a preços baseados em uma taxa de câmbio mais elevada, mas no momento da comercialização da safra, a moeda nacional estava mais forte. Desta forma, ele passou a operar no limite, apoiado ainda numa produtividade crescente. A partir do momento em que a produção deixou de crescer, por conta da seca, a situação se deteriorou.

Panrural – Como essa crise poderá ser revertida?

Barros – A situação deve melhorar com o socorro financeiro do governo, com o qual o setor poderá sair do sufoco. A tendência, porém, é de caminhar para outro sufoco, que deve surgir no médio prazo: a ausência de mecanismos que ofereçam segurança aos produtores.

Panrural – Que conselhos podem ser dados aos produtores que tiveram perdas de produção ou de investimento por conta da desvalorização do dólar?

Barros – Faltam aos produtores mecanismos que incentivem a poupança nos anos de “vacas gordas”, para uso nos anos de “vacas magras”. É necessário que o produtor se prepare contra as movimentações desfavoráveis de preços usando contratos a termo e futuros. Uma boa saída para o agronegócio seria também o desenvolvimento do seguro rural por parte do governo.

Panrural – Com relação às expectativas, quais as chances, e sob quais condições, para a agricultura nacional voltar a ser um segmento lucrativo?

Barros – Quando falamos do futuro dos negócios nacionais, podemos ir além do agronegócio. O sucesso de todos os empreendimentos no Brasil depende das reformas fiscais e da Previdência. Enquanto isso não for feito, a economia não vai crescer continuamente e o mercado interno vai continuar capenga. O crescimento trará expansão da demanda interna e a valorização do dólar – dois eventos altamente favoráveis à agricultura. Neste meio tempo, deve-se investir em ciência e tecnologia e em medidas sanitárias, e avançar nas negociações internacionais. ■